

Variação estilística e genericidade: a variação de pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa do singular

Fernanda Mendes¹

¹Pós Graduação em Lingüística – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

fernanda.mds@gmail.com

Resumo. *O presente estudo tem por objetivo descrever a variação entre os pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa do singular, respectivamente, teu/seu e seu/dele em entrevistas de quatro cidades do Paraná – Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco –, que compõem o banco de dados do VARSUL. Baseia-se em estudos realizados anteriormente em outras cidades da Região Sul e se apóia em textos de Arduin (2005), Neta (2004), Labov (1972) e Weinreich, Labov e Herzog (1968). A hipótese principal deste trabalho é observar o grau de motivação que a variação estilística exerce sobre a ocorrência da forma seu, designando segunda pessoa do singular, em co-ocorrência com a forma teu. Sendo essa variação entendida, grosso modo, neste estudo, como o grau escalar entre um contexto [+formal] e um contexto [- formal] de fala. E o grau de motivação que a genericidade da estrutura exerce sobre a ocorrência da forma seu, designando terceira pessoa do singular, em co-ocorrência com a forma dele. Sendo essa genericidade, neste estudo, entendida como o fator semântico que permite a recuperação de sintagmas nominais [+ genéricos] pelo possessivo seu. Dito de outro modo, se é o grau de genericidade que motiva a permanência da forma seu para terceira pessoa do singular, então é a variação estilística que força a ocorrência da forma seu para a segunda pessoa do singular. Espera-se que a análise dos resultados encontrados dê suporte a esta hipótese, evidencie os condicionadores deste fenômeno e acentue a discussão acerca do assunto, mesmo que já existente na literatura.*

Abstract. *The aim of this work is to describe the variation between possessive pronouns in second and third singular persons. Four cities interviews of VARSUL's corpus was used for – Curitiba, Irati, Londrina and Pato Branco, all in Paraná State. Based on the Arduin (2005), Neta (2004), Labov (1972) e Weinreich, Labov e Herzog (1968) Theory. For this the hypothesis what raised is that stylistic variation force a motivation degree in presence of third person possessive form in a place of second person possessive form was expected. This variation can be understood, in general lines, like the scale degree between [+formal]/[-formal] context of speech. And, the structure generality force a motivation degree in a presence of a simple third person possessive form, in one hand, and a place where a pronoun and a preposition can be putted on, in other hand. This generality can be understood like semantic ways which allow retrieve the information about the generality in nominal phrase by the possessive. In other words, if is the generality which move forward the*

presence of a form in possessive of third person, so is the stylistic variation which force the presence in the same form for the possessive in second person.

Palavras-chave: variação; pronomes; estilo; genericidade

1. Introdução

Os pronomes possessivos vêm sendo amplamente discutidos na literatura pelo fato de estar havendo uma reorganização paradigmática no sistema pronominal do Português Brasileiro (doravante PB). Isto é, no Português Europeu (PE), o sistema pronominal de possessivos continua funcionando como descreve a Gramática Tradicional (GT), no qual os pronomes possessivos concordam em pessoa com o possuidor e em gênero e número com o possuído; já no PB, devido à inserção da forma *você* no paradigma pronominal, o que ocasiona “uma convulsão”, nos termos de Oliveira e Silva (1998, p. 171 *apud* ARDUIN, 2005, p. 13), o sistema pronominal de possessivos sofre algumas mudanças .

Uma delas é a passagem dos possessivos, originalmente, de terceira pessoa do singular¹ (*seu/sua/seus/suas*) para a segunda pessoa do singular (*tu* ou *você*), concorrendo com os possessivos originais desta (*teu/tua/teus/tuas*). E a entrada de um sistema de “formas genitivas *de + N*”, segundo Arduin (2005, p. 35), para a terceira pessoa do singular² (*de + ele = dele, de + ela = dela*), o qual concorda em pessoa, gênero e número com o possuidor, concorrendo com os possessivos originais desta pessoa. Para ilustrar as disparidades entre esses dois sistemas, seguem, abaixo, dois quadros comparativos.

Quadro 1: Sistema de possessivos do PE.

Português Europeu		<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
Possuidor 1ª pessoa do singular	Possuído masculino	meu	meus
	Possuído feminino	minha	minhas
Possuidor 2ª pessoa do singular	Possuído masculino	teu	teus
	Possuído feminino	tua	tuas
Possuidor 3ª pessoa do singular	Possuído masculino	seu	seus
	Possuído feminino	sua	suas

Quadro 2: Sistema de possessivos do PB.

Português Brasileiro	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
----------------------	-----------------	---------------

¹ Sabe-se que estes possessivos são comuns, também, a terceira pessoa do plural.

² Sabe-se que essa forma também se aplica à 2ª pessoa do singular, “você” (*de + você = de você*), bem como às pessoas do plural: a) 1ª “a gente” (*de + a gente = da gente*), b) 2ª “vocês” (*de + vocês = de vocês*), c) 3ª “eles” (*de + eles = deles*), porém a primeira foge ao escopo desta pesquisa por se tratar de uma forma “marginal”, e as outras por se tratarem de formas pronominais possessivas no plural.

Possuidor 1 ^a pessoa do singular	Possuído masculino	meu	meus
	Possuído feminino	minha	minhas
Possuidor 2 ^a pessoa do singular	Possuído masculino	teu / seu	teus / seus
	Possuído feminino	tua / sua	tuas / suas
Possuidor 3 ^a pessoa do singular	<i>Possuidor do sexo</i>	<i>Possuído masculino/ feminino singular</i>	<i>Possuído masculino / feminino plural</i>
	Masculino	seu/ sua / dele	seus / suas / dele
	Feminino	seu / sua / dela	seus/ suas / dela

O motivo que leva à primeira parte da mudança – passagem dos possessivos de terceira pessoa do singular para a segunda pessoa do singular – é de cunho histórico. Segundo Camara Jr. (2002), a forma *seu* migra para segunda pessoa do singular funcionando como um “adjetivo correspondente ao ouvinte como determinante” (p. 121), em casos como *Vossa Excelência*, substituindo a forma anterior mais formal *vosso*, e em sintagmas nominais em geral, como *o senhor* e *você* (forma proveniente de *Vossa Mercê*). Já o motivo que leva à segunda parte da mudança – entrada de um sistema de “formas genitivas *de + N*” (ARDUIN, 2005, p. 35) para a terceira pessoa do singular – é uma tentativa de eliminar “uma ambigüidade incômoda com a série *seu* para P3 [ele/ela], 6 [eles/elas]” (CAMARA JR., 2002, p. 121), além daquela entre segunda e terceira pessoa do singular. No entanto, percebe-se que ainda permanecem as duas formas lingüísticas para a segunda pessoa do singular (*teu/seu*) e para a terceira pessoa do singular (*seu/dele*), ou seja, uma ainda não se sobrepôs completamente à outra.

Baseado no quadro teórico de Labov (1972) e Weinreich, Labov e Herzog (1968) e nas propostas de Arduin (2005) e Neta (2004) para possessivos, este artigo partirá de duas hipóteses centrais, a primeira em relação à variação entre *teu/seu* para segunda pessoa do singular e a segunda em relação à variação entre *seu/dele* para a terceira pessoa do singular.

Em relação à primeira hipótese, o que se pode perceber é que essa variação entre *teu/seu* para a segunda pessoa do singular, isto é, a co-ocorrência entre essas duas formas, não ocorre de maneira livre no PB. Pois sempre que existem duas variantes para a mesma função lingüística, sendo variante, de acordo com Calvet (2002, p. 90) “cada uma das formas de realizar a mesma coisa”, é pelo fato de que elas têm diferentes funções sociais, do contrário não haveria necessidade para tal fenômeno. Concomitante a esta idéia, existe “um dos princípios fundamentais da pesquisa sociolingüística [...] [que afirma]: ‘não há falante de estilo único’” (LABOV, 2003, p. 234 *apud* ARDUIN, 2005, p. 49), em que a escolha por um ou outro estilo é determinada por três fatores: (i) “relações do falante, ouvinte e público, e particularmente as relações de poder ou solidariedade entre eles” (*idem, ibidem*); (ii) “o amplo contexto social ou o domínio: escola, trabalho, casa, vizinhança, igreja” (*idem, ibidem*) e (iii) “tópico (assunto)” (*idem, ibidem*).

Logo, a escolha entre uma variante ou outra, é determinada de acordo com a situação de uso, podendo ser esta [+ formal] ou [- formal]. Dessa forma, pode-se dizer

que ocorre, neste caso, a variação estilística, e é ela que condiciona o aparecimento da forma *seu* para segunda pessoa do singular.

Em relação à segunda hipótese, a variação entre *seu/dele* para terceira pessoa do singular – que, igualmente, não ocorre de maneira livre – parece ser motivada por outro condicionador. A escolha entre as duas formas é condicionada pela genericidade ou “especificidade do possuidor”, segundo Neta (2004, p. 138). Ou seja, quando o possuidor é [-genérico] “o falante tem um objeto específico em mente [...] identificado perfeitamente pelo falante, embora não o seja pelo ouvinte” (DUBOIS, 1973 *apud* NETA, 2004, p. 138), já quando o possuidor é [+genérico] “representa um conjunto que está na mente do falante, mas não é identificável nem por parte deste nem por parte do ouvinte” (DUBOIS, 1973 *apud* NETA, 2004, p. 138).

Com isso, espera-se chegar à seguinte generalização: se é o grau de genericidade que motiva a permanência da forma *seu* para terceira pessoa do singular, então é a variação estilística que força a ocorrência da forma *seu* para a segunda pessoa do singular.

2. Metodologia

Este trabalho propõe uma descrição e análise de resultados provenientes da variação já explicitada acima entre pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, *teu/seu*, e terceira pessoa do singular, *seu/dele* na fala de quatro cidades do estado do Paraná, a saber, Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco; pertencentes à Região Sul do Brasil.

Para tanto, utiliza-se de amostras de um *corpus* formado por 32 entrevistas do Projeto Interinstitucional Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil (VARSUL)³ e, também, do sistema logístico VARBRUL (PINTZUK, 1988 *apud* ARDUIN, 2005, p. 68) para a análise de percentuais desses dados. Neste banco, as entrevistas estão estratificadas socialmente quanto ao sexo (masculino e feminino), idade (25-49 anos e mais de 50 anos), escolaridade (4 anos, 8 anos e 11 anos) e região, porém, nesta pesquisa, não se leva em consideração a terceira variável social.

Dessa forma, a distribuição da amostra dos informantes de acordo com as células sociais, neste estudo, se apresenta na tabela abaixo (conforme Arduin (2005, p. 67)).

Tabela 1: Distribuição da amostra dos informantes de acordo com as células sociais

<i>Cidade</i>	<i>Faixa etária</i>			
	<i>25 – 49 anos</i>		<i>Mais de 50 anos</i>	
Curitiba	2 M	2 F	2 M	2 F
	4		4	
<i>Subtotal</i>	8			

³ As entrevistas foram retiradas como empréstimo do VARSUL da Universidade Federal de Santa Catarina, e, segundo a catalogação do mesmo, o número delas é o que segue: Curitiba 02, 03, 06, 10, 11, 15, 18 e 22; Irati 01, 04, 08, 09, 14, 17, 20 e 23; Londrina 01, 05, 09, 12, 14, 16, 19 e 22; Pato Branco 03, 04, 07, 08, 13, 14, 19 e 21.

Irati	2 M	2 F	2 M	2 F
	4		4	
<i>Subtotal</i>	8			
Londrina	2 M	2 F	2 M	2 F
	4		4	
<i>Subtotal</i>	8			
Pato Branco	2 M	2 F	2 M	2 F
	4		4	
<i>Subtotal</i>	8			
Total Geral	32 entrevistas			

O envelope de variação se constitui de duas variáveis dependentes binárias: (i) *teu* e *seu* e (ii) *seu* e *dele*. Como variáveis independentes: (i) lingüísticas, (ii) estilísticas e (iii) sociais.

Para a primeira variável dependente, se observa como variável independente lingüística: (i) o paralelismo formal, que leva a hipótese de que, como no estado do Paraná não se usa a forma *tu* para segunda pessoa do singular, apenas *você*, os falantes tenham maior tendência ao uso da forma *seu* para designar posse de segunda pessoa do singular e (ii) o tipo de discurso, que se subdivide em (a) discurso não reportado, isto é, discurso do próprio falante no momento da entrevista, no qual ele escolherá entre uma forma e outra, dependendo dos três fatores apontados por Labov (2003, p. 234 *apud* ARDUIN, 2005, p. 49) já discutidos acima, segundo Arduin (2005, p. 75) “Labov (1972) acredita que, sendo o entrevistador uma pessoa desconhecida do entrevistado, este tende a monitorar sua fala, havendo um certo grau de formalidade”, com isso, espera-se que o entrevistado use a forma *seu*, pois esta é a mais formal e (b) discurso reportado, ou seja, quando o falante se reporta a sua própria fala ou à fala de outrem, no qual há um grau de monitoramento maior dependendo da relação que o falante trava com o “dono” do discurso ao qual ele se reporta, segundo Arduin (2005, p. 75).

Como variável independente estilística: (i) a pessoa do discurso reportado, que, segundo Arduin (2005, p. 77) se divide em (a) discurso de pessoa próxima, no qual é possível que o uso seja maior da forma *teu* pelo fato de ser um contexto [- formal]; (b) discurso de pessoa não próxima, no qual é possível que o uso seja maior da forma *seu*, pelo fato de ser um contexto [+ formal] e (c) discurso do próprio informante, no qual depende da relação que este trava com a pessoa com quem ele falava naquele momento (do discurso reportado) e (ii) relações (as)simétricas, que se dividem, segundo Arduin (2005, p. 79), em (a) de superior para inferior, no qual se usa a forma de poder, *teu*; (b) de igual para igual, no qual se usa a forma de solidariedade *teu* e (c) de inferior para superior, no qual se usa a forma formal, *seu*.

E como variável independente social: (i) a idade, no qual espera-se que os de 25 a 49 anos usem mais a forma *teu* por ser [- formal] e os de mais de 50 anos a forma *seu* por ser [+ formal] (conforme ARDUIN, 2005, p. 81); (ii) o sexo, no qual acredita-se que as mulheres usem a forma de prestígio *seu* enquanto os homens a forma de menos

prestígio *teu* (ARDUIN, 2005, p. 83) e (iii) a região, no qual espera-se que “o princípio do *paralelismo formal* esteja atuando nos pronomes possessivos” (ARDUIN, 2005, p. 86), isto é, para todas as quatro cidades se supõe o uso, pelo menos, maior da forma *seu*.

E para a segunda variável dependente, se observa como variável independente lingüística: (i) a genericidade do possuidor, que afirma que quando o possuidor for [+ genérico] haverá uma tendência ao uso da forma *seu* “pelo fato de a forma *seu* não ser marcada quanto ao gênero - [...] em se tratando de possuidor, e ser pouco nítida em referência ao número, o que a torna mais propensa a ser empregada em enunciados não-específicos”, segundo Neta (2004, p. 138-9), já quando for [- genérico] haverá uma tendência ao uso da forma *dele*, pois ela “é mais individualizadora, quanto ao número e, principalmente, quanto ao gênero, fato que a torna preterida no caso de o referente ser menos definido, favorecendo sua aplicação em contextos específicos” (NETA, 2004, p. 139); (ii) “combinação do número de possuidor e possuído”, segundo o estudo de Neta (2004, p. 135), no qual espera-se que a forma *dele* ocorra em contextos como (a) “um possuidor tendo apenas um possuído” (NETA, 2004, p. 136) e (b) “dois ou mais possuidores tendo um possuído em comum (posse coletiva)” (idem, ibidem); enquanto a forma *seu* ocorra em contextos como (c) “um possuidor com dois ou mais possuídos” (idem, ibidem), (d) “dois ou mais possuidores tendo, cada um, um possuído (posse distributiva)” (idem, ibidem) (e) “dois ou mais possuidores tendo dois ou mais possuídos em comum (posse coletiva)” (idem, ibidem) e (f) “dois ou mais possuidores tendo, cada um, mais de um possuído (posse distributiva)” (idem, ibidem) e (iii) o tipo de discurso, que se subdivide em (a) discurso não reportado, no qual se espera que o entrevistado use a forma de acordo com o grau de genericidade apontado acima ou, pelas mesmas razões apontadas para a variável dependente anterior, ele tenha a tendência de usar a forma *seu*, por ser [+ formal] e (b) discurso reportado, no qual se supõe que o falante usará a forma também de acordo com o grau de genericidade, porém pode ser que ele escolha entre uma variável ou outra dependendo da relação que estabelece com que proferiu o enunciado, da mesma maneira que ocorre para a variável anterior.

Como variável independente estilística: (i) a pessoa do discurso reportado, que se divide em (a) discurso de pessoa próxima, no qual a forma preferida seria *dele* por ser [-formal]; (b) discurso de pessoa não próxima, no qual a forma preferida seria *seu* por se tratar de um contexto [+formal] (c) discurso do próprio informante, no qual a forma dependeria da relação que este tem com quem fala no momento do enunciado reportado (ARDUIN, 2005, p. 77).

E como variável independente social: (i) a idade, no qual, segundo Neta (2004, p. 134) os de 25 a 49 anos tenderiam ao uso da forma *dele* e os de mais de 50 anos ao uso da forma *seu*, o que pode acontecer por causa de estilo [+/- formal] ou pelo fato de os de 25 a 49 anos preferirem a forma inovadora, enquanto os de mais de 50 anos optem pela forma tradicional (ii) o sexo, no qual as mulheres tenderiam ao uso da forma de maior prestígio, *seu*; enquanto os homens ao uso da forma de menor prestígio, *dele* por analogia ao que aconteceria com a variável anterior e (iii) a região, no qual espera-se que se aplique o princípio do grau de genericidade, ou seja, para todas as cidades se supõe que haverá o uso das formas *seu/dele*, porém esse uso será condicionado.

Assim, cada variável dependente possui um total de sete variáveis independentes; tendo a de segunda pessoa, duas lingüísticas, duas estilísticas e três sociais; enquanto a de terceira pessoa, três lingüísticas, uma estilística e três sociais. Como pôde ser notado acima, as variáveis sociais são as mesmas para ambas variáveis dependentes; uma das variáveis lingüísticas também é comum às duas – *tipo de discurso* –, bem como uma das estilísticas – *pessoa do discurso reportado*. Restando, duas variáveis independentes “individuais” para cada uma das variáveis dependentes, sendo, para a segunda pessoa, uma de cunho lingüístico e a outra de cunho estilístico; enquanto para a terceira pessoa, ambas individuais de cunho lingüístico.

3. Resultados e discussão

Os dados obtidos apresentaram um total de 67 ocorrências de possessivos de segunda pessoa, sendo que 57 dessas ocorrências aparecem sob a forma *teu*, o que corresponde a 85% e 10 sob a forma *seu*, correspondente a 15%. E 444 ocorrências de possessivos de terceira pessoa, sendo que 362 dessas ocorrências aparecem sob a forma *dele*, correspondente a 82% e 82 sob a forma *seu*, o que corresponde a 18%. Segundo Arduin (2005), a disparidade presente entre o número de ocorrências dos possessivos de segunda e terceira pessoa do singular se deve à “natureza do banco de dados VARSUL, que não favorece o uso das formas de segunda pessoa, uma vez que não propicia o diálogo, mas relatos de experiências vividas” (p. 118).

Em relação à variável dependente de segunda pessoa *teu/seu*, para a variável independente lingüística **paralelismo formal**, esperava-se que os falantes tivessem maior tendência ao uso da forma *seu* para designar posse de segunda pessoa do singular, pelo fato de no estado do Paraná não se usar a forma *tu* para esta mesma pessoa, apenas *você*. No entanto, os resultados infirmam essa hipótese, como pode ser observado na tabela abaixo.

Tabela 2: Paralelismo formal

<i>Fatores</i>	<i>Teu</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Você	56/66	85%	10/66	15%	66/67	98%
Tu	01/01	100%	00/01	0%	01/67	2%
TOTAL	57/67	85%	10/67	15%	67/67	100%

Há, nas quatro cidades paranaenses, como demonstra a tabela acima, um maior uso da forma possessiva *teu* para segunda pessoa do singular (85%), apesar da presença maciça do pronome *você* (98%); aliás, há ocorrência daquela, sobretudo, com esse como sujeito (56/66), o que se constitui como um dado surpreendente, visto a hipótese inicialmente formulada. De forma igualmente surpreendente, a quantidade do possessivo *seu*, ocorrendo com o sujeito *você* é baixa. O pronome *tu* aparece em apenas uma ocorrência das quais foram coletadas para esta análise, embora também apareça na

fala de outro informante⁴, e naquele caso há o fenômeno do paralelismo formal, pois ele co-ocorre com o possessivo *teu*. Por fim, não foi encontrada nenhuma ocorrência para o possessivo *seu* com sujeito *tu*, como já era esperado.

Quanto à segunda variável independente lingüística, **tipo de discurso**, percebe-se um número de ocorrências bastante grande para o *não reportado* (75%), contra uma pequena parcela para o *reportado* (25%). Entretanto, *teu* é a forma possessiva preferida tanto nos discursos *não reportados* (84%) quanto nos discursos *reportados* (88%), o que indicaria uma certa familiaridade do informante tanto com o entrevistador, quanto com o “dono” do discurso a quem ele se reporta, segundo a hipótese estabelecida para esta variável.

Tabela 3: Tipo de discurso

<i>Fatores</i>	<i>Teu</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Reportado	15/17	88%	02/17	12%	17/67	25%
Não reportado	42/50	84%	08/50	16%	50/67	75%
TOTAL	57/67	85%	10/67	15%	67/67	100%

Porém aqui é necessário fazer-se duas ressalvas, a primeira em relação ao uso genérico do possessivo de segunda pessoa em discurso *não reportado*. Há nos dados um total de 67 ocorrências de possessivos de segunda pessoa, no entanto, em 39 destas (58%) ele foi usado de maneira genérica, ou seja, não se referindo exatamente ao entrevistador, mas a qualquer um. Destas, 32 foram usadas com a forma *teu* pelos informantes, e 07 foram usadas com a forma *seu*. Por exemplo:

- (1) “você assinava **teu** contrato de filiação do sindicato, era obrigatório” (Londrina 05, linha 1267)
- (2) “porque se você depende do **seu** eleitorado daqui de dentro o povo de casa, santo de casa não faz milagre, né?” (Londrina 01, linha 1228).

E a segunda ressalva se dá quanto ao tipo de relação que é estabelecida entre o entrevistado e o “dono” do discurso ao qual ele se reporta, o que privilegia um contexto propício para a forma *teu*. Porém, este tópico será abordado mais a frente, na tabela em que se discute as relações (as)simétricas.

Relativamente à variável independente estilística **pessoa do discurso reportado**, pôde-se perceber uma preferência majoritária pela forma *teu* tanto para *pessoa não próxima*, quanto para *próxima* e ainda para *discurso do próprio falante*. Além disso, nota-se que o uso de discurso reportado é maior para *pessoa não próxima* (53%).

Tabela 4: Pessoa do discurso reportado

⁴ Entrevistas: Pato Branco 04 (ocorrência que aparece na tabela) e Londrina 12.

<i>Fatores</i>	<i>Teu</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Não próxima	07/09	78%	02/09	22%	09/17	53%
Falante	06/06	100%	00/06	0%	06/17	35%
Próxima	02/02	100%	00/02	0%	02/17	12%
TOTAL	15/17	88%	02/17	12%	17/17	100%

Com isso, a hipótese formulada para esta variável funciona perfeitamente para *discurso de pessoa próxima*, para o qual se aponta o maior uso da forma *teu* por se tratar de um contexto [- formal]. Para o *discurso do próprio falante*, a elevada taxa de ocorrência da forma *teu* indica que a relação que este trava com a pessoa com quem ele falava no momento do discurso que está sendo reportado era [- formal]. No entanto, para o *discurso de pessoa não próxima*, aparentemente, a hipótese parece não ser confirmada pelo fato de que para este se espera um maior uso da forma *seu*, porém a relação entre as pessoas destes discursos, da mesma forma que na variável independente anterior, propicia um contexto favorável ao aparecimento da forma *teu*, o que vem a ser mostrado abaixo.

Nesta variável independente estilística – **relações (as)simétricas** – é que se explica a alta quantidade do pronome possessivo *teu* (que vinha sendo questionada anteriormente), pois vê-se que a maior parte dos contextos – tanto de discursos reportados, quanto de discursos não reportados – são regidos por relações *de superior para inferior* (73%) e *de igual para igual* (25%), o que segundo a hipótese formulada para esta variável, explica a quantidade de formas *teu*, pois são ambos contextos marcados para esta, o primeiro por ser uma forma de poder, o outro por ser uma forma solidária. Percebe-se que o contexto favorecedor da forma *seu* – *de inferior para superior* – corresponde a apenas 01 ocorrência (2%).

Tabela 5: Relações (as)simétricas

<i>Fatores</i>	<i>Teu</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Superior para inferior	40/49	82%	09/49	18%	49/67	73%
Igual para igual	17/17	100%	00/17	0%	17/67	25%
Inferior para	00/01	0%	01/01	100%	01/67	2%

	<i>Teu</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
superior						
TOTAL	57/67	85%	10/67	15%	67/67	100%

Percebe-se o uso mínimo da forma *seu* em contexto de *superior para inferior* (18%), e dada a quantidade de dados coletados e as variáveis estilísticas observadas não é possível determinar com precisão em que situação isso acontece, ficando este tópico para um trabalho futuro.

Com relação à variável independente social **idade**, percebe-se que a variação entre *teu/seu* é igual, ambos – *de 25 a 50 anos* e *mais de 50 anos* – usam a forma *teu* em 85% das ocorrências, enquanto a forma *seu* é usada em 15% delas. Há uma clara preferência pela forma *teu* por ambos pelo fato apontado acima, embora também se deva dizer que esta forma se dê em contexto [-formal], o que propicia o seu uso pelos primeiros.

Tabela 6: Idade

<i>Fatores</i>	<i>Teu</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
25 a 49 anos	29/34	85%	05/34	15%	34/67	51%
Mais de 50 anos	28/33	85%	05/33	15%	33/67	49%
TOTAL	57/67	85%	10/67	15%	67/67	100%

Quanto à segunda variável independente social **sexo**, percebe-se que tanto *homens* quanto *mulheres* preferem a forma *teu* para se referir à posse de segunda pessoa do singular, embora aqueles tenham uma taxa percentual levemente maior, e estas, um número de ocorrências mais elevado. Novamente, um dos motivos para este resultado é a relação (as)simétrica constatada entre os interlocutores. As mulheres são responsáveis por 16% da produção com *seu*, e os homens apenas 12%, o que confirma a hipótese de que as mulheres sustentam a forma de prestígio em relação aos homens.

Tabela 7: Sexo

<i>Fatores</i>	<i>Teu</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Masculino	15/17	88%	02/17	12%	17/67	25%
Feminino	42/50	84%	08/50	16%	50/67	75%

	<i>Teu</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
TOTAL	57/67	85%	10/67	15%	67/67	100%

Com relação à terceira variável independente social **região**, nota-se que em todas há a preferência pela forma *teu*, o que vem a infirmar a hipótese estabelecida para esta variável, da mesma forma que aconteceu para o paralelismo formal. Apesar de em todas estas cidades o pronome *você* ser, praticamente, o único a imperar na fala, o possessivo *teu* é o predileto, pois como já foi discutido acima, e no que consiste a hipótese central desta pesquisa para esta variável dependente, a variação é de ordem estilística.

Tabela 8: Região

<i>Fatores</i>	<i>Teu</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Irati	24/25	96%	01/25	4%	25/67	37%
Curitiba	13/14	93%	01/14	7%	14/67	21%
Londrina	17/23	74%	06/23	26%	23/67	34%
Pato Branco	03/05	60%	02/05	40%	05/67	8%
TOTAL	57/67	85%	10/67	15%	67/67	100%

Em relação à variável dependente de terceira pessoa *seu/dele*, para a variável independente lingüística **genericidade do possuidor**, se supunha que quando o possuidor fosse [+ genérico] haveria uma tendência ao uso da forma *seu*, enquanto quando esse fosse [- genérico] haveria uma tendência ao uso da forma *dele*. Por meio dos dados fornecidos pela tabela abaixo pode-se ver que no que se refere ao uso da forma *dele* com possuidor [-genérico], a hipótese se confirma, no entanto, em relação à co-ocorrência da forma *seu* com possuidor [+genérico] a hipótese não se confirma completamente, pois há um uso um pouco maior da forma *dele* com este tipo de possuidor (57%), o que consiste em um dado surpreendente para esta pesquisa. Um exemplo deste tipo de dado é:

(3) “o pessoal só levantava ia lá na caixinha **dele**, pegava o pão e ia tomar café”
Londrina 22, linha 382.

Tabela 9: Genericidade do possuidor

<i>Fatores</i>	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
- Genérico	278/297	94%	19/297	6%	297/444	67%

	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
+ Genérico	84/147	57%	63/147	43%	147/444	33%
TOTAL	362/444	82%	82/444	18%	444/444	100%

O que se pode concluir, então, é que ainda há o uso maior da forma possessiva *seu* para possuidores [+ genéricos] (43%) em relação aos [- genéricos] (6%), embora a forma *dele*, ainda que de maneira especulativa, pareça estar tomando o espaço do *seu* no primeiro, assim como já tomou deste último. Além disso, há, um pouco mais do que o dobro de ocorrências para possuidores [- genéricos], o que explica a alta taxa de frequência do possessivo *dele*.

Em relação à segunda variável independente lingüística, “**combinação de número de possuidor/ido**”(NETA,2004), hipotetizou-se que em contextos de um possuidor com um possuído e dois ou mais possuidores com apenas um possuído em comum esperaria-se a forma possessiva *dele*, o que de fato ocorreu, pois estes contextos são os das porcentagens mais elevadas da tabela abaixo, 86% e 92%, respectivamente. Já para a forma *seu*, estipulou-se que ocorreria em contextos de um possuidor com dois ou mais possuídos; dois ou mais possuidores, cada um, com um possuído; dois ou mais possuidores com dois ou mais possuídos em comum e dois ou mais possuidores, cada um, com mais de um possuído, o que ocorre apenas para o último (67%), enquanto para os demais percebe-se uma preferência pela forma *dele* nestes contextos.

Tabela 10: Combinação no possuidor/ido

<i>Fatores</i>	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
2 ou + possuidores com apenas 1 possuído em comum	67/73	92%	06/73	8%	73/444	16%
1 possuidor com 1 possuído	243/282	86%	39/282	14%	282/444	64%
2 ou + possuidores, cada um, com 1 possuído	21/30	70%	09/30	30%	30/444	7%
2 ou + possuidores com 2 ou + possuídos	07/12	58%	05/12	42%	12/444	3%

	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
em comum						
1 possuidor com 2 ou + possuídos	22/41	54%	19/41	46%	41/444	9%
2 ou + possuidores, cada um, com 2 ou + possuídos	02/06	33%	04/06	67%	06/444	1%
TOTAL	362/444	82%	82/444	18%	444/444	100%

Quanto à terceira variável independente lingüística, **tipo de discurso**, percebe-se uma preferência pela forma *dele*, independente de este ser reportado ou não, o que confirma a hipótese aventada, pois existe um número maior de ocorrências com possuidor [-genérico], o que propicia o aparecimento de *dele*. Ainda pode-se perceber um número baixo de ocorrências para discursos reportados com possessivos de terceira pessoa, porém quando há a ocorrência deste, tem-se uma preferência absoluta pela forma *dele*.

Tabela 11: Tipo de discurso

<i>Fatores</i>	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Não reportado	356/438	81%	82/438	19%	438/444	99%
Reportado	06/06	100%	00/06	0%	06/444	1%
TOTAL	362/444	82%	82/444	18%	444/444	100%

Em relação à variável independente estilística **pessoa do discurso reportado**, pode-se notar que há uma preferência absoluta pela forma *dele*, ainda que em contexto de discurso de pessoa não próxima, o que indica que a pessoa do discurso reportado não interfere na escolha entre uma das variantes, pelo fato de a variação não ser de ordem estilística. Além disso, não foi encontrada nenhuma ocorrência de discurso reportado de pessoa próxima.

Tabela 12: Pessoa do discurso reportado

<i>Fatores</i>	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Falante	03/03	100%	00/03	0%	03/06	50%

	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
Não próxima	03/03	100%	00/03	0%	03/06	50%
TOTAL	06/06	100%	00/06	0%	06/06	100%

Quanto à variável independente social **idade**, percebe-se uma preferência pela forma *dele*, tanto pelos de 25 a 49 anos quanto pelos de mais de 50 anos, mas estes ainda resistem a esta forma. A taxa percentual dos mais jovens é de 9% enquanto a dos mais velhos é de 32% para a forma possessiva *seu*, o que confirma, a hipótese formulada para esta variável.

Tabela 13: Idade

<i>Fatores</i>	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
25 a 49 anos	237/260	91%	23/260	9%	260/444	59%
Mais de 50 anos	125/184	68%	59/184	32%	184/444	41%
TOTAL	362/444	82%	82/444	18%	444/444	100%

Com relação à segunda variável independente social **sexo**, a hipótese foi infirmada, pois as mulheres mostraram uma preferência maior do que a dos homens pela forma inovadora *dele*, 84% contra 77%, embora ambos ainda prefiram *dele* a *seu* para designar posse de terceira pessoa, o que pode ser explicado pelo fato de que o aparecimento da forma *dele* vem sendo propiciado pela alta taxa de frequência de possuidor [-genérico].

Tabela 14: Sexo

<i>Fatores</i>	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Feminino	226/268	84%	42/268	16%	268/444	60%
Masculino	136/176	77%	40/176	23%	176/444	40%
TOTAL	362/444	82%	82/444	18%	444/444	100%

Finalmente, para a terceira variável independente social **região**, nota-se que em todas as cidades há a preferência pela forma possessiva *dele*; o que pode confirmar a hipótese formulada para esta variável, pois há um número muito maior de ocorrências

para possuidores [-genéricos], que favorecem o aparecimento dessa forma para a designação de posse de terceira pessoa do singular.

Tabela 15: Região

<i>Fatores</i>	<i>Dele</i>		<i>Seu</i>		<i>Total</i>	
	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem	Nº de ocorrências	Porcentagem
Londrina	109/112	97%	03/112	3%	112/444	25%
Irati	96/108	89%	12/108	11%	108/444	24%
Curitiba	93/127	73%	34/127	27%	127/444	29%
Pato Branco	64/97	66%	33/97	34%	97/444	22%
TOTAL	362/444	82%	82/444	18%	444/444	100%

4. Conclusão

Baseada em estudos específicos sobre possessivos – Arduin (2005) e Neta (2004) – e no quadro teórico de Labov, essa pesquisa ambicionou chegar à seguinte generalização: se é o grau de genericidade que motiva a permanência da forma *seu* para terceira pessoa do singular, então é a variação estilística que força a ocorrência da forma *seu* para a segunda pessoa do singular. Pode-se dizer que este objetivo foi alcançado em partes.

Em relação à variação de possessivos de segunda pessoa do singular, pode-se afirmar que a hipótese está bem fundamentada e que como tal, responde com veracidade aos resultados obtidos. Pois constatou-se que, realmente, é a variação estilística que condiciona a escolha por uma ou outra variante do par *teu/seu*, mais precisamente, o fator do tipo de relação – (as)simétrica – que se instaura entre o informante e seu interlocutor.

Já quanto à variação de possessivos de terceira pessoa do singular, pode-se notar que a hipótese não teve a capacidade de responder com tamanha precisão às questões formuladas, tampouco aos resultados obtidos, pelo fato de que alguns deles se mostraram inesperados. Porém, não se descartou a idéia de que é a genericidade do possuidor que condiciona o aparecimento da forma *seu* designando posse para a terceira pessoa do singular. É possível que seja o caso de a forma possessiva *dele* estar tomando o espaço que, até então, se reservava àquele possessivo, mas isso dependerá de maiores estudos e de análises mais refinadas, tais como as de peso relativo, o que ficará como um projeto de pesquisa próximo.

5. Referências

- ARDUIN, Joana. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na Região Sul do Brasil*. Florianópolis: UFSC, 2005. Dissertação de mestrado.
- CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 35^a edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.

NETA, Antônia Verônica de Andrade. Perfil do possessivo de terceira pessoa na fala pessoense. In: HORA, Demerval da (org.). *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004, p. 129-140.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.